

NOAM LUPU

Party brands in Crisis: Partisanship, Brand Dilution, and the Breakdown of Political Parties in Latin America

New York: Cambridge University Press, 2016. 247 páginas

Renata A. de Oliveira¹

Em muitos momentos pensa-se que temas mais corriqueiros das pesquisas na área da ciência política já chegaram à sua exaustão sem imaginar a possibilidade de uma nova forma de exploração ou análise, como o caso dos partidos políticos. A obra *Party Brands in Crisis: Partisanship, Brand Dilution, and the Breakdown of Political Parties in Latin America* (2016), de Noam Lupu, conseguiu romper esta sensação. O livro oferece a primeira explicação geral sobre a queda de grandes partidos consolidados em países da América Latina. Seu diferencial está no olhar mais atento para a relevância dos efeitos dos comportamentos das elites partidárias nas atitudes do público massivo.

Ao longo dos últimos anos, em alguns países da América Latina, observou-se que certos partidos políticos historicamente estabelecidos em seus sistemas eleitorais entraram em colapso, ou seja, de um modo geral, eram partidos consolidados e extremamente competitivos nas eleições nacionais durante um grande período de tempo, entretanto, tornaram-se inexpressivos de uma eleição para outra e não conseguiram se reerguer nas seguintes. Para este fenômeno o autor dá o nome de *party breakdown* (colapso partidário) e a pergunta que permeia sua escrita é entender como ocorre e quais são determinantes, em especial, porque certos partidos colapsam e outros não. Assim, o *breakdown*

¹ Renata Andrade de Oliveira é doutoranda em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Brasil. Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual. Contato: rehnata_andrade@hotmail.com.

trata especificamente de um declínio dramático e repentino em um curto período de tempo de um partido político.

O ponto de destaque é o recorte analítico utilizado por Lupu: explora de que maneira a construção da “marca” partidária afeta os laços entre partidos e eleitores na América Latina e o quanto essa relação incide no colapso partidário. O autor ressalta que este viés não foi muito explorado pelos cientistas políticos, já que a linha teórica mais tradicional foca em uma explicação mais racional sobre o alinhamento entre partidos políticos e eleitores. Aponta que os sistemas partidários se formam em torno de clivagens sociais duradouras ou das lutas políticas que envolvem sua emergência. Por isso, na competição partidária, os partidos que desalinham suas ações com as preferências dos eleitores entram em colapso.

Uma segunda linha engloba os pesquisadores de política comparada, que atribuem o colapso ao mau desempenho dos partidos incumbentes na administração pública (escândalos de corrupção e baixa avaliação) e a consequência seria a rejeição do eleitor ao partido, levando-o à ruína. Uma terceira explicação é proferida pelos estudos que olham para as mudanças institucionais e estruturais. Seus autores sugerem que transformações de natureza profunda no sistema político, como reformas eleitorais, descentralização e turbulência econômica, fatalmente, enfraquecem os partidos estabelecidos no poder e esses sofrem sanções dos eleitores.

A posição do autor não nega a importância dos fatores levantados pelas três abordagens, contudo, aponta que o grande problema desses estudos é a visão da política apenas em termos de grupos e coalizões, ou seja, o recorte analítico se concentra apenas nas movimentações das elites políticas e dos partidos enquanto blocos. Com isso, os resultados seriam explicações focalizadas apenas em nível mais macro dos contextos, como desempenho econômico, que, sem dúvidas, é um fator explicativo para a dinâmica do *breakdown*. Contudo, é suficiente? O que o autor coloca é que esses tipos

de estudos não conseguem explicar as diferenças de acontecimentos entre os países de contextos parecidos.

O argumento do livro é que o *breakdown* trata, fundamentalmente, sobre atitudes e escolhas dos eleitores, uma vez que estes possuem o poder de rejeitar ou não um partido estabelecido, mesmo que, anteriormente, muitos constituíssem a base de apoio desses partidos. Esta dimensão, mais individual, voltada para o comportamento dos eleitores e a sua ótica de análise, faz com que seu estudo se volte para o eleitor, procurando preencher a lacuna que os demais estudos não tiveram sucesso em explicar. Em suas palavras, "Nós precisamos saber por que os laços dos eleitores com os partidos se corroem, e por que e quando, essa erosão os leva a abandonar seu partidos nas eleições"² (p. 3). Para isso, concentra-se em dois eixos: 1) contexto (cenário socioeconômico, político e institucional) e 2) opinião pública (partidarismo - identificação partidária; avaliação de governo; percepção sobre os acontecimentos).

O universo empírico é a América Latina, por ser uma região com um histórico de "democracias interrompidas" e por apresentar contextos políticos diferentes dos que são usualmente utilizados para análises, como Estados Unidos e Europa. Seu ponto é que quando os países estabeleceram ou retornaram os regimes democráticos na região, alguns partidos políticos tornaram-se referências nas eleições nacionais. Em alguns casos eram partidos já conhecidos, com longo histórico de mobilizações de eleitores e construção de laços partidários. Paralelamente a este movimento, a região passou por instabilidade política e econômica, com conflitos internos nas elites políticas. Assim, a combinação entre partidos consolidados e a prevalência de crises fazem das democracias da América Latina casos úteis nos estudos de interação de comportamento das elites e eleitores. Portanto, estudar como o partidarismo de massa se apresenta diante de um cenário de configurações voláteis pode revelar no-

² Tradução livre da autora.

ções gerais sobre como os eleitores formam e mudam suas atitudes.

A tese apresentada no livro leva em conta todas as considerações sobre cenário político, econômico e social em conjunto com os comportamentos das elites políticas e dos eleitores. Sendo assim, propõe que a explicação para a recorrência do colapso partidário na América Latina é que durante os anos 80 e 90, em meio ao contexto de crises política e econômica, certas elites políticas implementaram políticas que eram inconsistentes com as posições tradicionais de seus partidos e estas ações turvaram a percepção dos eleitores sobre a chamada “marca” partidária (*party brand*: significa o tipo de eleitor que o partido representa). Por consequência, os laços com os eleitores tradicionais se rompem e sem a segurança de apoio de base, estes partidos se tornaram mais suscetíveis a votos baseados em avaliações retrospectivas de curto prazo. Deste modo, se o partido não tiver um bom desempenho, os eleitores, que agora possuem mais laços frágeis com tais partidos, os punem, não votando em seus candidatos.

Então, o que parece ser um súbito abandono seria na verdade o resultado de um processo de diluição da “marca” partidária, pois os eleitores não identificam quem o partido representa, e assim, não conseguem se localizar politicamente. Quando a marca partidária se turva e as diferenças entre as alternativas se confundem, mesmo aquelas identidades partidárias que pareciam intocáveis se desfazem. Portanto, quando marcas partidárias diluídas se combinam com mau desempenho, os partidos nesta situação entram em colapso.

O teste empírico da hipótese teórica se dá, em um primeiro momento, com a avaliação dos casos da Argentina e da Venezuela, que seriam exemplos de como ocorrem os colapsos de grandes partidos. E, posteriormente, testa a relação entre marca partidária e partidarismo por meio de evidências de um experimento social e um modelo de perspectiva comparada com dados de pesquisas de opinião pública.

O primeiro passo se deu no capítulo quatro ("Argentina: Peronism survives, Radicals collapse"), no qual compara a trajetória dos dois maiores partidos da Argentina, o Partido Radical (UCR - União Cívica Radical) e o Partido Peronista (PJ - Partido Justicialista). Através de uma revisão histórica explana como o Partido Radical desmoronou tão repentinamente e o Peronista sobreviveu, pós 1983. Entre 1946 e 1999, eram as bases que estruturavam o sistema político e eleitoral argentino; juntos, atingiram 81% dos votos nas eleições nacionais. A partir de 2001, no entanto, o Partido Radical obteve apenas 2% dos votos, se tornando um dos muitos pequenos partidos de oposição incapaz de entrar no campo competitivo de candidatos à presidência.

Ao longo dos anos, UCR e PJ apresentaram posições inconsistentes com suas tradições e diversos conflitos internos, o que ocasionou fragmentações internas. Enquanto os radicais e os peronistas cultivaram a distinção de suas marcas durante os anos 80, os eleitores se mantiveram leais, tanto que para os radicais (UCR) estes laços garantiram a base de apoiadores nas eleições de 1989, mesmo com a péssima avaliação do desempenho administrativo. Já nos anos 90, com a chegada do Partido Peronista ao poder, por um lado, ocorreu a estabilização da economia, por outro, os laços partidários declinaram drasticamente por conta da convergência entre os partidos ao formarem alianças entre si, o que enfraqueceu suas marcas, e a consequência foi o abandono de uma parte do eleitorado.

Mesmo diante do declínio da identificação partidária, ainda havia uma parcela de argentinos com laços com o Partido Peronista e junto com as avaliações positivas sobre o desempenho econômico, o partido garantiu a reeleição. Tal situação não se estendeu aos radicais. Por conta do rompimento entre eleitores e o partido, em razão das ações de um dos seus líderes políticos (Fernando de la Rúa), o UCR viu o declínio total de sua marca partidária que já estava enfraquecida, e por conta das avaliações negativas dos governos anteriores, o resultado foi a queda do partido radical.

Observa-se que mesmo tendo suas marcas diluídas na época da eleição de 2003, o que deixou ambos os partidos suscetíveis ao colapso, o Partido Peronista se manteve, pois, anteriormente, em 2001, não falhou em resolver a crise econômica, aspecto que evitou sua queda. Contudo, este mesmo contexto foi o acelerador do colapso do partido radical, pois havia baixo apoio dos eleitores e má avaliação retroativa. Sendo assim, após uma detalhada análise das ações dos partidos, de seus líderes, avaliação dos contextos das eleições e do partidarismo na população, Lupu conclui que a explicação dos diferentes fins para cada partido está na combinação da marca partidária e avaliação da performance administrativa (p. 99).

No capítulo cinco, dedicado à Venezuela, ressalta que entre os anos de 1983 e 1998, o cenário partidário mudou muito. Os dois principais partidos que emergiram com a democratização foram o Ação Democrática (AD) e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei). Até 1988, atingiram o total de 90% dos votos, mas em 1998, juntos não chegaram aos 4%, portanto, no caso venezuelano a queda foi dupla.

Em termos históricos, a AD e o Copei deram atenção ao estabelecimento de marcas partidárias fortes e, principalmente, distintas. Ocorreu que em 1980, com a crise econômica, no segundo mandato do governo do AD, houve crescimento de conflitos internos em função das posições tomadas pelo presidente Carlos Andrés Pérez Rodríguez, que mudou as tradições partidárias e as tendências nas propostas de políticas econômicas. A inconsistência do presidente e os conflitos internos foram enfraquecendo a marca partidária, o que afetou os laços com os eleitores, tornando o partido suscetível às avaliações de curto prazo.

Semelhante trajetória ocorreu com o Copei. Em 1993, com a eleição do presidente Rafael Caldera, aumentou-se a instabilidade política com o surgimento de conflitos internos no partido. Cumulativamente, a crise econômica afetou a Venezuela e AD e Copei tiveram que se aproximar para

tentar reaver a estabilidade democrática e evitar o colapso econômico. Com este movimento, os partidos tornaram-se mais semelhantes em termos de ações, enquanto isso, as marcas, anteriormente construídas de maneiras distintas foram sendo diluídas. Por consequência, os laços com os eleitores se enfraqueceram, o que deu abertura para as avaliações retroativas dos governos. Como os dois partidos sofreram com as más performances administrativas anteriores e não se distinguiram mais perante os eleitores, o resultado na Venezuela foi o colapso simultâneo de dois grandes partidos.

O objetivo do autor ao relatar os casos da Argentina e da Venezuela é demonstrar através de análises históricas e contextuais que há uma tendência de que crises econômicas e políticas constrem os líderes partidários a mudarem as tradições dos partidos. Isso gera conflitos internos, mas quando existe um possível sucesso de superação das instabilidades, os conflitos se acalmam. Portanto, as elites políticas apostam na diluição das marcas em prol de um sucesso econômico, já que esta manobra pode assegurar sobrevivência eleitoral mesmo com a erosão do partidarismo. Todavia, se os líderes falharem, isto significa colapso para o partido. Neste contexto, os eleitores percebem que seus partidos estão sendo inconsistentes e que de repente não se distinguem, isto enfraquece os laços entre eles, e quando estão no meio de um desastre econômico, os eleitores abandonam o partido completamente.

Portanto, corrosão dos laços partidários ou a crise econômica não destroem partidos consolidados, o colapso depende de um contexto de interação entre os dois aspectos. A má avaliação do desempenho do governo em momentos de crise e o afastamento entre partidos e eleitores, por conta da diluição da marca partidária, são os ingredientes fundamentais para o *breakdown*.

A fim de aprofundar seus achados e buscar evidências empíricas sobre como o comportamento dos partidos afeta o eleitor partidário, ou seja, como a marca (*brand*) influen-

cia o partidarismo, no capítulo 6, o autor dedica-se a explicar como utilizou uma pesquisa experimental para testar sua tese. A priori, sua principal hipótese era que o declínio do partidarismo de massa torna os partidos estabelecidos suscetíveis às avaliações retrospectivas de curto prazo e, de acordo com seu desempenho anterior, podem ruir. O autor se posiciona na direção de que quanto mais os partidos principais convergem, os eleitores se tornam incapazes de distinguir uma marca da outra, o que enfraquece as identificações partidárias. Assim, sua expectativa é de que a convergência enfraqueça o partidarismo e a divergência o fortaleça.

Por isso, em 2009, conduziu um experimento de *survey* nas províncias de Córdoba e Santa Fé na Argentina. O desenho consistiu na manipulação de informações para os eleitores sobre oito partidos políticos de modo a sugerir tanto a divergência quanto a convergência de marcas partidárias. Dessa forma, os respondentes foram divididos em grupos segundo as informações que receberam: grupo-controle sendo aqueles sem informação e os grupos-tratamento receberam alguma informação.

Os grupos-tratamento foram estabelecidos da seguinte forma: i) tratamento: recebeu apenas os símbolos dos partidos junto com os nomes dos líderes dos partidos, sem informação adicional; ii) tratamento 1 (Plataforma): adicionou informação sobre as plataformas políticas dos partidos (questões de economia, segurança e federalismo), com a hipótese de que a informação sobre a plataforma aumenta a certeza do respondente sobre a marca do partido, e, por sua vez, sua habilidade de se identificar com o partido; iii) tratamento 2 (alianças e mudanças): informações que não distinguem os partidos, e por isso, a hipótese é de que essas informações fazem os partidos serem menos distinguíveis, o que diminui o partidarismo, os eleitores se identificam menos; iv) tratamento 3: recebe o cartão completo, uma página que contém todos os tipos de informações, e por isso, teria o efeito de compensação, ou seja, sem efeito no partidaris-

mo quando se recebe as duas informações juntas, pois uma anula a outra.

A questão dada aos respondentes após lerem os cartões referentes a cada grupo era a seguinte: "Independente do partido que você normalmente vota, tem algum partido político com o qual você se identifica?". Para aqueles que responderam SIM, perguntava com qual, e a força da identificação numa escala de 0 - 10, assim, os resultados foram analisados quanto a identificação partidária e a força da identidade.

Os achados demonstraram que os laços com os partidos se enfraquecem porque dependem da forma como os próprios partidos se comportam, isso determina se os eleitores vão ou não formar laços com eles. Em outras palavras, o partidarismo depende em parte de como os eleitores conseguem distinguir o partido principal. Outro ponto, se as diferenças entre os partidos são triviais, eleitores vão falhar em formar fortes laços com um ou outro, vão formar laços quando visualizarem importantes diferenças entre seus partidos e os competidores. Assim, convergência entre partidos enfraquece o partidarismo, e sem a segurança de seus apoiadores os partidos tornam-se suscetíveis às avaliações de períodos anteriores, assim, caso as valências forem negativas, podem entrar em colapso quando o contexto for de igual instabilidade, o que corrobora com a tese inicial do autor.

Em razão dos seus apontamentos, Lupu ressalta a importância do papel do eleitor e dos laços com os partidos para o fenômeno do colapso partidário, isto porque a percepção da imagem dos partidos impacta no comportamento dos indivíduos. Em função disso, argumenta ser essencial verificar a percepção da polaridade por parte dos eleitores. Nesse sentido, dedica o capítulo 7 em analisar a polarização e o partidarismo a partir tanto de dados de *survey*, de levantamentos transversais de 37 países de 1996 a 2012, como ao longo do tempo nos Estados Unidos. Para isso utilizou as bases de dados produzidas pelo Comparative Study

of Electoral Systems (CSES) e The American National Election Study (ANES).

Em termos de mensuração do partidarismo, o autor classificou como partidário o respondente que se identifica abertamente e aquele que se diz próximo de um dos partidos. Para polarização, a medida era composta pela média de duas percepções sobre as posições dos partidos nos espectros ideológicos, uma percepção de nível individual do entrevistado e outra de nível nacional dada pelas respostas dos coordenadores do CSES.³ Assim, em um sistema mais polarizado, os partidos devem estar longe da posição média, já quando os partidos estão aglutinados, estão perto do centro de gravidade ideológico do sistema (p.157).

Primeiramente, os resultados indicaram que há uma relação positiva entre polarização dos partidos e o partidarismo de massa, isto porque as taxas de partidarismo pareceram ser maiores quando há a percepção de que os partidos são mais polarizados. Além disso, encontrou que quanto mais o indivíduo pensa estar perto de um partido, mais provável que seja um partidário, assim como os que se encontram nos extremos na escala ideológica, os mais educados, mais afluentes e os mais velhos, são mais prováveis a se identificar com um partido. Segundo, seus testes demonstraram que o indivíduo tende a se identificar mais com um partido quanto mais ele pensa que o partido é diferente dos demais, assim, a dimensão da percepção da polarização impacta na identificação do indivíduo com algum partido.

³ Para mensurar o partidarismo, o autor usou duas medidas, a primeira, do CSES, perguntava ao entrevistado "Você costuma pensar em si mesmo como próximo de qualquer partido político em particular? Sim ou não?". A segunda medida, baseada no ANES, perguntava "De modo geral, você costuma pensar em si como um republicano, um democrata, um independente ou o quê?", os independentes ainda respondiam se eram próximos do Partido Republicano ou Democrata. E para medir polarização, em termos de percepções individuais, a partir do CSES, os respondentes diziam qual o lugar que colocavam os principais partidos nacionais na escala esquerda-direita. Já em termos de nível nacional, utilizou as respostas que os coordenadores do CSES deram ao posicionar os partidos de seus países na escala ideológica esquerda-direita (0-10).

A relevância da polarização para as democracias é tema de grandes debates dentro da ciência política. Para alguns, a polarização seria algo ruim para a estabilidade democrática, contudo, seguindo a linha da tese do livro questão, a visão do autor é de que a polarização e a sua percepção pelos indivíduos pode fortalecer os laços partidários, sendo algo positivo. Argumenta que o partidário de massa (mais indivíduos identificados ou com alguma relação com algum partido) ajuda institucionalizar sistema partidário, estabelecer eleições e consolidar novas democracias, por consequência, os eleitores passam a possuir uma gama maior de opções de partidos, tornando mais fácil manter os partidos mesmo com má performance e reduz o prospecto de aparição de partidos ou candidatos desconhecidos.

De um modo geral, a grande preocupação de todo o livro é com os impactos dos fatores analisados para as democracias contemporâneas, em especial, em regiões com históricos de instabilidades como a América Latina, justamente, por isso, focalizou em dois eixos centrais: marca partidária e contextos. Seu êxito encontra-se no destaque dado à marca partidária, tendo papel fundamental para os eleitores construir suas identidades e direcionar o caminho dos próprios partidos. Esse argumento poderia ser visto como inversão da lógica tradicional, pois coloca um peso aos comportamentos dos partidos e suas elites na percepção dos indivíduos sobre o sistema partidário. Assim, sem uma marca forte, os partidos terão dificuldades para construir uma base partidária estável, ou seja, aqueles que tiveram suas marcas diluídas se tornam mais suscetíveis à rejeição dos eleitores.

Em razão disso, a forma como os partidos mobilizam suas marcas em resposta a momentos de crises possui peso no rumo da democracia nos países. Para Lupu, o colapso de partidos estabelecidos tem impactado negativamente a América Latina, uma vez que estes partidos eram as bases dos sistemas políticos e tinham um papel crucial na democracia representativa. Então, quando alguns “quebram”, os par-

tidos, em geral, perdem as funções estruturais, e isso fragmenta o sistema, o que torna mais fácil para os políticos *outsiders* vencerem competições e enfraquecer as instituições democráticas, e também, dificulta a *accountability*, fator fundamental para a representação.

A pretensão da obra em questão era estabelecer um novo olhar para a relação entre partidos e eleitores, sendo um fator essencial para pensar acontecimentos recentes na política latino-americana. No caso do Brasil, tal lógica foi avaliada por Baker *et al.* (2015) para o caso do Partido dos Trabalhadores (PT). Os autores pretenderam avaliar como o PT sobreviveu à mudança de marca partidária após ganhar o cargo executivo em 2002 e conseguir a reeleição em 2006. Na argumentação, destacam que historicamente era um partido de esquerda, mas que passou a ser de centro-esquerda quando passou a adotar políticas econômicas mais liberais, além disso, em 2006 o caso do mensalão envolveu alguns de seus líderes com esquemas de corrupção. O impacto desse cenário para os eleitores foi uma queda na identificação, contudo, não foi um movimento drástico justamente por que um novo perfil de eleitor começou a se identificar com o PT. Para os autores, a figura do presidente Luís Inácio Lula da Silva e o chamado lulismo (que passou a basear a marca do partido) foram fundamentais para manter essa relação mais equilibrada, uma vez que os eleitores que anteriormente eram não petistas passaram, muitos, a ser petistas.

Em síntese, as conclusões apresentadas corroboraram com a tese do livro sobre a importância de manter uma marca partidária. O caso do Partido dos Trabalhadores no Brasil ilustra bem que a mudança na marca tem impactos no partidarismo, mas como houve a construção de outra marca logo em seguida e atrelada a forte figura do presidente, o impacto foi menor e isso assegurou que o partido não entrasse em colapso e perdesse as eleições de 2006.

Portanto, após a finalização da leitura da obra com toda sua complexidade metodológica e teórica, são compreensi-

veis os méritos recebidos pelo autor. Noam Lupu vai além das respostas convencionais, ao invés de questionar a validade dos estudos que se propuseram a analisar o tema do colapso de partidos políticos historicamente estabelecidos, os toma como referências e insere seus apontamentos no emaranhado de variáveis que contribuem para o fenômeno. Diante disso, essa obra se concretiza como um exemplo teórico e metodológico para os estudos futuros da ciência política.

Referências

- Baker, Andy, Barry Ames, Anand Sokhey, & Lúcio R. Renno. "The Dynamics of Partisan Identification When Party Brands Change: The Case of the Workers Party in Brazil". *The Journal of Politics*, Vol. 78, Nº 1, 2015, pp. 197-213.
- Lupu, Noam & Susan Stokes (2010). "The Social Bases of Political Parties in Argentina, 1912-2003". *Latin American Research Review*, Nº 44, 2010, pp. 58-87.